

## FREI VICENTE DO SALVADOR, OFM (\*).

### INTRODUÇÃO.

O primeiro historiador brasileiro, que vem a ser o religioso franciscano Frei Vicente do Salvador, logrou o título de **Pai da História do Brasil** ou **Heródoto Brasileiro**; mas, não menos que sua **História do Brasil** merece ser conhecida a vida extraordinária deste singular frade. Eis porque, em vésperas do IV centenário do célebre historiador, nos sentimos à vontade para chamar a atenção do público para o invulgar religioso, suas obras e o estado atual ds pesquisas.

Foi em 1619, ao ensejo do capítulo provincial franciscano, celebrado em Portugal, que Frei Vicente do Salvador, na qualidade de primeiro custódio brasileiro, estreou como cronista, apresentando, junto com o relatório de sua gestão finda, um manuscrito intitulado **Crônica da Custódia do Brasil** de sua autoria. Em virtude dos aplausos então recebidos, animou-se o autor a escrever também a **História do Brasil** que constituiria sua obra prima e, embora fadada ao ingrato esquecimento durante 250 anos, afinal sairia a lume para lhe grangear o reconhecimento dos compatriotas.

#### I. — VIDA DE FREI VICENTE DO SALVADOR.

Por volta de 1564 nasceu Vicente Rodrigues Palha, posteriormente Frei Vicente, como filho dos imigrantes portugueses João Rodrigues Palha e Dona Méssia de Lemos. O pai tentara a sorte rumando para o Maranhão, quando de sua primeira viagem ao Brasil. Vítima de um naufrágio, regressara a Portugal embarcando em seguida para a Bahia, onde

(\*) — Conferência pronunciada sob o patrocínio da Sociedade de Estudos Históricos (São Paulo), aos 3-V-1963, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Nota da Redação).

(1). — Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Denúncias da Bahia. 1591-1592. Rio de Janeiro, 1935, pág. 121.

se estabeleceu na zona canavieira do Recôncavo e ainda em 1692, aos 62 anos de vida, figurava como lavrador do engenho de Bernardo Pimentel de Almeida, freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Matoim (1). Foi no torrão natal de Matoim que Vicente frequentou certamente a escola elementar do engenho, mantida pelo Padre Capelão da Casa Grande (2).

Para prosseguir os estudos, o pequeno Palha foi confiado ao chantre da Sé baiana, Jorge de Pina, seu tio materno, o qual o matriculou com os jesuítas. Não terminou aí a formação de Vicente. Em Coimbra (Portugal), dedicou-se ao estudo de jurisprudência, promovendo em 1587 **in utroque jure** e voltando em seguida para o torrão natal. Tanto o estudo com a Companhia, como o feito em Coimbra, contribuiu muito para a formação espiritual do jovem baiano. Reconhecido aos educadores jesuítas, o nosso historiador franciscano ainda como homem maduro se refere com elogios aos principais representantes da Companhia, notadamente ao Pe. José de Anchieta por êle comparado a São Francisco Xaxier e intitulado de "Apóstolo do Brasil". Como em tôdas as universidades ibéricas, também na de Coimbra reinava, ao tempo de Vicente Palha, um vivo entusiasmo pelas missões entre os infiéis e um intenso interêsse pelos postulados de Frei Bartolomeu de Las Casas, O. P. e de outros missionários defensores dos povos primitivos, não sendo raro professôres substituirem a cátedra pela catequese dos índios.

Não admira, pois, que o doutor Vicente, pouco depois de ter chegado ao Brasil, haja pedido as ordens sacras. Elevado sucessivamente a cônego da Sé baiana, vigário geral e até governador da única diocese brasileira, Monsenhor Palha aspirava outro ideal. Para surprêsa dos baianos, enclausurou-se no convento de São Francisco do Salvador solicitando o burel da penitência, para poder entregar-se à conversão de seus patrícios pagãos das selvas.

Tanto o clero como o povo baiano sentiram com pesar a brusca despedida do estimado sacerdote, enquanto o Pe. Custódio, Frei Brás de São Jerônimo, OFM, em pessoa, quis officiar na cerimônia da investidura do noviço Frei Vicente do Salvador, aos 27 de janeiro de 1599. Admitido aos votos no dia 30 de janeiro de 1600, o frade baiano em breve executou as primeiras letras obedienciais, transferido que foi para Per-

---

(2). — Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão OFM, *Novo Orbe Seráfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1858 I, 1, pág. 105 (cit. Jaboatão).

nambuco (3). Mais ou menos em 1603, cumpriu-se-lhe o ideal missionário, quando o nôvo custódio Frei Antônio da Estrêla o destacou para a catequese dos selvícolas paraibanos, mesmo que os estatutos da Ordem vedassem a ocupação de religiosos neo-professos em cargos tão repletos de responsabilidade como os são os dos missionários. Impunha-se, entretanto, a medida por faltarem franciscanos conhecedores do idioma indígena potiguar e por sobrarem ordens do govêrno colonial no sentido de os frades menores fundassem novos centros catequéticos entre os selvícolas da Paraíba (4).

Ao passo que o nôvo missionário dos potiguares apenas de passagem refere o motivo de sua transferênciã, uma carta de Frei Antônio da Estrêla esclarece detalhadamente o assunto, dirigida que foi à côrte espanhola e datada de Olinda de 15 de novembro de 1603 (5). Queixa-se o Pe. Custódio de que sua custódia brasileira, instalada em 1585, acabava de receber não 8 a 10 missionários portugueses como era de praxe por ocasião da posse de cada custódio, mas apenas dois, enquanto o governador Diogo Botelho pretendia confiar à custódia 16 a 28 aldeias de índios além dos muitos que já estavam catequizando. Agravava-se mais a situação pela circunstância de não se prestar para o **munus** missionário qualquer franciscano, mas tão sòmente aquêles que soubessem falar o respectivo idioma e tivessem os demais requisitos. Afinal, solicita o Pe. Custódio a atenção da côrte para um abuso que, recém-introduzido, prejudicava sensivelmente à catequese; é que vários franciscanos do Brasil tinham procurado a intervenção de portugueses graúdos para obterem uma transferência da colônia para o Reino, sem haver motivos urgentes. Lamentando Frei Antônio que o Ministro Provincial Franciscano de Portugal tivesse concedido letras obedienciais aos requerentes, pedia que doze missionários fôssem restituídos à custódia brasileira “como filhos seus, nem se passem mais licenças para irem outros como dispõe o Estatuto”. O requerimento custodial parece ter surtido efeito; pois Frei Vicente demorou apenas até 1606, na catequese da Paraíba.

Bastou o triênio dedicado à vida missionária para que o franciscano brasileiro anotasse acontecimentos e impressões que mais tarde inseriu na **Crônica da Custória** e na **História**

(3). — Jaboatão II, págs. 106-107.

(4). — Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, São Paulo 1931<sup>3</sup>, pág. 393 (cit. Salvador).

(5). — Archivo General de Simancas — Secretarias Provinciales, códice 1488, cartas de 1603-1605, fls. 64s. MS.

**do Brasil**, lembrando ao govêrno colonial a importância das missões para conservar os indígenas fiéis a Portugal e daí a necessidade da Metrópole favorecer a catequese e sustentar os missionários.

Em 1606 o missionário Frei Vicente foi promovido a professor de filosofia ou, como então se dizia, “lente de artes”, lecionando até o fim do ano em Olinda, quando o nôvo Custódio Frei Leonardo de Jesus escolheu o frade baiano para fundador e superior do convento de Santo Antônio a ser construído no Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1607, a pequena comunidade franciscana dirigida pelo próprio Custódio, desembarcou no Rio, onde a população desde 1592 aguardava a vinda dos frades menores — pois, naquele tempo já fôra doado um terreno para fundação do convento. Mas, Frei Leonardo não se agradou do local, permutando-o por outro e encarregando a Frei Vicente de providenciar a construção de capela e convento provisórios para depois preparar a fundação do convento definitivo, enquanto o Custódio se retirava para o Norte, para lançar a primeira pedra do futuro santuário do Senhor Santo Cristo de Ipojuca, cerimônia realizada a 6 de janeiro de 1608. Já aos 4 de junho daquele ano, Frei Leonardo repetiu o mesmo ato no Rio de Janeiro, sôbre o morro de Santo Antônio onde continua a resistir à marcha do progresso moderno (6).

Depois dessa fase inicial de fundação do convento de Santo Antônio, seu fundador atendeu novamente à ordem do Custódio que o queria incumbir outra vez da cadeira de filosofia. E lá se ia Frei Vicente, prestes a ocupar o cargo que mais correspondia aos seus estudos. Mal passara um semestre, se tanto, que o nôvo Custódio Frei Francisco dos Santos trazia outro professor de Portugal, transferindo a Frei Vicente para Salvador. Decerto terão custado algum sacrifício as repetidas mudanças que o ex-professor suportava, segundo o testemunho de Jaboão,

“com resignação de bom religioso, sábio com prudência, e súdito obediente” (7).

Segue-se um triênio de aparente esquecimento e silêncio até que os superiores se lembram, em 1612, de eleger a Frei Vicente guardião do convento de Salvador que êle governou

(6). — Jaboão, I, 1 págs. 227 e 341; Frei Basílio Roewer OFM, *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. Petrópolis, 1945, págs. 19-32.

(7). — Jaboão II, págs. 108 e 429.

até 1614, dedicando atenção especial aos enfêrmos de sua comunidade religiosa e instalando uma boa enfermaria. Essa dedicação aos confrades doentes e velhos parece ter sido uma das principais virtudes de Frei Vicente, que procurara também inculcar aos selvícolas da Paraíba, convencendo-se porém que somente o bom exemplo dos missionários conseguiria mover os filhos da selva à prática da caridade cristã (8).

Foi em Salvador que a Frei Vicente surpreendeu a notícia de sua eleição para Custódio dos oito conventos e vinte missões de índios, eleição que tivera lugar a 15 de fevereiro de 1614, saindo pela primeira vez nomeado um franciscano brasileiro, durante os trinta anos de existência da Custódia. Aos 14 de outubro de 1614, o novo Custódio reuniu o primeiro capítulo em Olinda para ocupar com os capitulares os principais cargos e deliberar sobre o progresso da Custódia; pois, segundo as determinações mais recentes do capítulo provincial de Lisboa, todos os cargos exceto o do Custódio poderiam ser ocupados pelo capítulo da própria Custódia, o que representava o primeiro passo para a independência da circunscrição franciscana do Brasil (9).

Sem querer, o Pe. Custódio Frei Vicente ocasionou a libertação e o planejamento da província autônoma; pois, em 1614, acedeu ao pedido do governo colonial cedendo dois missionários competentes, Frei Cosme de São Damião e Frei Manuel da Piedade (10), para acompanharem como capelães-militares a expedição que deveria expulsar do Maranhão os invasores franceses. Os dois franciscanos impressionaram tão profundamente a portugueses, índios e franceses que todo mundo os queria definitivamente estabelecidos em São Luís, em lugar dos capuchinhos que ainda não dominavam o idioma indígena (11). Como porém os frades menores, cumprida a sua missão, voltassem a Pernambuco, o governador do Maranhão, Jerônimo de Albuquerque, em 1617 obteve outros franciscanos da província-mãe portuguesa, os quais, nos anos seguintes,

---

(8). — *Ibidem*; Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Bahia, Bahia, 1943, pág. 4.

(9). — Jaboatão I, I, pág. 230 e II, pág. 109.

(10). — Frei Cosme de São Damião, um dos franciscanos mais célebres de seu tempo, nascido em Portugal no ano de 1574, chegou ao Brasil em 1590 onde em 1598 entrou na Ordem e em 1633 foi eleito Custódio, chegando a falecer em 1659. — Frei Manuel da Piedade, natural de Olinda (Pernambuco), professor de filosofia e várias vezes guardião, tombou na guerra holandesa em 1631 (Jaboatão II, pág.380 ss).

(11). — Salvador, pág. 477; Cf. Frei Mathedio da Nembro OFM, Cap. Storia dell'Attività Missionaria dei Minori Cappuccini nel Brasile. Roma, 1958, págs. 33-53.

conseguiram organizar o comissariado do Grão-Pará ou seja dos atuais Estados do Maranhão e do Pará (12). Para no entanto garantir a nova missão do Norte o governador Gaspar de Sousa propôs a elevação da Custódia olindense à categoria de Província visto que ela já dispunha de suficientes vocações missionárias dentro da própria colônia podendo os missionários portugueses de então avante destinar-se unicamente ao novo comissariado do Grão-Pará onde as missões constituiriam o baluarte mais forte contra a invasão dos franceses e holandeses (13). Mas, dificuldades inesperadas, em particular a ocupação holandesa de todo o Nordeste, retardaram a criação da nova província até 1657.

O governo custodial de Frei Vicente destacou-se pela reorganização dos estudos (14). Outrossim, o jurista formado defendeu os direitos das missões perante o governo colonial e a cúria diocesana e como disso não surtisse resultado satisfatório, optou no capítulo de 1619 pela entrega de todas as missões franciscanas à recém-criada prefeitura apostólica de Pernambuco (15).

Os múltiplos afazeres administrativos não impediam o Pe. Custódio de realizar pesquisas históricas nos arquivos dos conventos e das aldeias missionadas por seus súditos, reunindo destarte abundante material para a **Crônica da Custódia do Brasil**.

Terminado o seu governo custodial, Frei Vicente, em 1617 ou 1618, retirou-se para Portugal a fim de prestar contas da administração trienal, apresentando na mesma ocasião a **Crônica da Custódia do Brasil** recém-composta. Tanto os confrades como historiadores animaram o ex-custódio a estender as pesquisas e a obra a toda a história da colônia. Foi assim que o franciscano brasileiro, ainda em Portugal, principiou os trabalhos preparatórios à sua **História do Brasil**, consultando autores que no Brasil dificilmente encontraria. Parece que em vista do plano concebido, declinou o cargo de guardião do convento baiano que o capítulo de 1619 lhe queria confiar de novo (16). Mal tornara ao Brasil em 1620 ou 1621, Frei Vicente meteu mãos à obra, pedindo dados a amigos e conhecidos e realizando viagens de estudos.

Foi voltando de uma dessas excursões marítimas do Rio de Janeiro a Salvador, que o historiador franciscano caiu nas

(12). — Jaboatão I, 1 pág. 190; Salvador, págs. 500 e 537.

(13). — Barão de Studart, *Documentos para a História do Brasil*. Fortaleza, 1904, vol. I, pág. 129.

(14). — Jaboatão I, 1, pág. 230 e II, pág. 109.

(15). — Arquivo do Provincialado Franciscano (Recife), I, 1 fl. 219 MS.

(16). — Jaboatão, II, pág. 110.

mãos dos holandeses, que o conservaram prêso a bordo e em seguida em Salvador, durante um ano inteiro, até maio de 1625, quando da capitulação dos invasores batavos. Foi essa circunstância que favoreceu de modo particular as pesquisas do “Heródoto brasileiro”, pois, colhia os eventos bélicos de primeira fonte (17).

Aos 20 de dezembro de 1627, Frei Vicente concluía o seu trabalho dedicando a **História do Brasil** ao **Licenciado Manuel Severim de Faria, chantre na Santa Sé de Évora**. Embora voltasse às suas ocupações comuns da vida religiosa e da cura de almas, o autor da história brasileira em espírito acompanhava os originais até Portugal, e como a publicação demorasse muito, acrescentou no decorrer dos anos muitas correções e fatos que lhe haviam passado despercebidos.

Eleito pela terceira vez guardião de Salvador, o ancião quase septuagenário exerceu o cargo de 1630 a 1633 (18). Em vão aguardava Frei Vicente a edição de seu livro, parecendo levar para o túmulo tôdas as esperanças dêle algum dia sair a lume.

Até o presente, ainda não sabemos a data de morte do nosso historiador, senão que se deve ter dado entre 1636 e 1639, no convento de Salvador em cujo claustro também foi sepultado. Cêrca de um século depois, o cronista provincial Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, OFM descobriu na cúria diocesana de Salvador um documento assinado por Frei Vicente do Salvador no dia 2 de outubro de 1636, último sinal de sua vida. Como porém os livros de óbitos do referido convento se perdessem até 1639 e o falecimento de Frei Vicente não constasse a partir de 1640, deve ter expirado no prazo acima indicado (19).

\*

## II. — OBRAS DE FREI VICENTE DO SALVADOR.

### 1. — A Crônica da Custódia do Brasil.

A primeira obra importante que Frei Vicente compôs sob o título **Crônica da Custódia do Brasil** perdeu-se em Portugal, não tendo sido mui volumosa, segundo testemunho de vários autores. Hoje conhecemos apenas alguns fragmentos

(17). — Salvador, pág. 533.

(18). — Livro dos Guardiães, op. cit., pág. 6; Jaboatão, II, pág. 110.

(19). — Jaboatão, II, págs. 105 e 111; Frei Menandro Rutten OFM, **Livro de Óbitos da Província de Santo Antônio**. Recife, 1957 (sem indicação de págs.).

através de transcrições inseridas em outras obras, permitindo êles a conclusão de que o original continha ao menos a crônica resumida dos oito conventos e vinte missões e a descrição dos índios.

Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão opina que Frei Vicente teria escrito a crônica quando de sua primeira guardiania em Salvador ou seja entre 1612 a 1614 (20). Podemos, entretanto, supor que o autor tenha terminado a obra tão somente depois de ter visitado todos os conventos e missões, na qualidade de Custódio.

Frei Vicente levou o manuscrito para Portugal onde causou admiração geral, ficando pois à disposição do provincialado, visto que em 1619 o Ministro Geral Frei Benigno de Gênova incumbira a todos os provinciais de reunirem os dados históricos das respectivas províncias e missões e de os mandarem à cúria generalícia (21). Em Portugal ficou Frei Manuel da Ilha encarregado do dito *munus*, escrevendo em seguida *Divi Antonii Brasiliae Custodiae Enarratio seu Relatio...* e inserindo várias páginas da crônica de Frei Vicente, sem no entanto mencionar essa fonte (22).

Não custa provar que Frei Manuel da Ilha transcreveu muitos trechos da crônica da Custódia, visto que êstes foram quase textualmente traduzidos para o latim pelo franciscano português, e se acham também incluídos na posterior **História do Brasil** de Frei Vicente. Frei Manuel não os pôde ter extraído da **História do Brasil** encerrada em 1627, porque êle mesmo já tinha terminado o seu manuscrito em 1621; nem se pode supor outra fonte comum a ambos os cronistas, além da indicada, porque Frei Manuel copiou também casos que Frei Vicente relata de própria experiência e que portanto não constavam em nenhum outro arquivo.

Ao mesmo tempo, convém desde logo refutar a suspeita de que Frei Manuel da Ilha tenha simplesmente traduzido tô-

(20). — Jaboatão, II, pág. 109.

(21). — Heribert Holzapfel OFM, *Handbuch der Geschichte des Franziskanerordens*. Freiburg, 1909, pág. 580.

(22). — O MS do Insulano, concluído em 1621, encontra-se no arquivo da Província de São Gregório em Pastrana (Espanha). Segue abaixo um exemplo de como Frei Manuel da Ilha e Frei Vicente do Salvador (êste na **História do Brasil**) apresentam o mesmo assunto com termos quase idénticos, baseando ambos sobre a **Crônica da Custódia do Brasil** de Frei Vicente. Frei Manuel escreve: "Quando noti et mariti ex longinquo veniunt, uxores et consanguineae illos planctu magno et lamento excipiunt. Non simul sed successive (fl. 299); ao passo que Frei Vicente diz: "E quando algum vem de longe, as velhas daquella caza o vão vezitar ao seu rancho com grande pranto. Não tôdas juntamente mas huma depois de outra (Livro I, cap. 13).



da a crônica de seu confrade brasileiro pelos seguintes fatos: 1). — várias vezes, Frei Manuel se refere a dados fornecidos pelo ex-custódio Frei Leonardo de Jesus, o qual em 1621 vivia em Portugal dando a confirmação autógrafa ao manuscrito do cronista português (23); 2). — o que o Insulano relata sobre a fundação do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro ressen-te-se de diversos erros e omissões que Frei Vicente como fundador do convento teria evitado (24); 3). — a primeira tentativa de fundar um convento em Sergipe do Conde, atual São Francisco do Conde (Bahia), e que Frei Manuel data de 1619, não podia constar na crônica de Frei Vicente, encerrada o mais tardar em 1618.

Outras investigações sobre quanto o Insulano dependeu de Frei Vicente não serão possíveis enquanto não tivermos uma reedição crítica e escoimada de erros da **História do Brasil** e a edição comentada do manuscrito de Frei Manuel.

Outro autor que se serviu da crônica de Frei Vicente foi Jorge Cardoso, transcrevendo alguns trechos no seu **Agiolégio Lusitano**, mas indicando a fonte (25).

A **Crônica da Custódia** possui grande valor histórico por encerrar muitas particularidades que hoje em dia não podemos haurir de outra fonte direta; pois os arquivos conventuais sofreram enormes perdas, em consequência da guerra holandesa e da perseguição pombalina que praticamente foi prolongada até fins do século XIX. Outrossim, a crônica apresenta o autor como contemporâneo e muitas vezes como testemunha ocular; pois, voltando de Portugal em 1587, Frei Vicente assistiu ainda aos primórdios da Custódia e à fundação do convento baiano efetuada no mesmo ano.

## 2. — A História do Brasil.

Conforme já vimos acima, Frei Vicente do Salvador decidiu elaborar a **História do Brasil**, devido à boa acolhida que mereceu a **Crônica da Custódia** em Portugal. Os oito anos de pesquisas, preparativos e composição da obra testemunham

- 
- (23). — As confirmações autógrafas de Frei Leonardo de Jesus se acham no MS de Frei Manuel às fls. 287, 300 e 311. — Cf. Frei Adriano Hypólito OFM, Frei Vicente do Salvador e sua **Crônica da Custódia do Brasil**, in "Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil", 1957, Recife, pág. 225s (cit. Hypólito).
- (24). — Frei Manuel da Ilha errou as datas da chegada de comunidade franciscana ao Rio de Janeiro e do lançamento da primeira pedra, deixando ainda de mencionar o primitivo terreno doado em 1592 e a permuta do mesmo realizada em 1607, fls. 287s.
- (25). — Jorge Cardoso, **Agiolégio Lusitano**, t. I, Lisboa, 1652, págs. 469, 516.

quanto o autor se esforçou por fazer um serviço bem acabado. De certo, muito lhe valeram as suas posições anteriores de vigário geral, custódio e guardião, como também as boas relações que mantinha em Portugal e no Brasil, sem destacar a fama de doutor **in utroque jure**, que lhe abriu caminho aos arquivos e às bibliotecas. Igualmente precisava de contacto com testemunhas oculares, como pessoas fidedignas e bem instruídas, que de todo o Brasil lhe comunicassem os acontecimentos próprios para a obra planejada. Frei Vicente em pessoa observava atentamente o desenrolar dos fatos da época.

Terminando a árdua tarefa em dezembro de 1627, Frei Vicente dedicou sua obra prima ao Deão de Évora, Manuel Severim de Faria, o qual prometera publicar o livro (26). Tanto a obra como os acréscimos posteriores pararam no Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa, enquanto Frei Vicente com seus 75 anos de idade baixou à sepultura, sem a satisfação de saber o livro editado (27).

Também a **História do Brasil** serviu de fonte a vários autores: o religioso agostiniano Frei Agostinho de Santa Maria, em 1722, que transcreveu vários trechos, no seu nono e décimo volumes do **Santuário Mariano** confessando sinceramente a fonte (28), ao passo que Varnhagen em sua **História Geral do Brasil** copiou à vontade sem se dignar citar por extenso o nome do autor, senão ocasionalmente a sigla enigmática Fr. V. (29).

Nos últimos decênios do século XIX, tornou-se patente o valor histórico da obra de Frei Vicente, cabendo neste sentido o maior merecimento a Capistrano de Abreu por ter salientado a importância da **História do Brasil** para afinal co-

(26). — Manuel Severim de Faria, irmão de Frei Cristóvão de Lisboa OFM, provavelmente teve o primeiro contacto com Frei Vicente por intermédio do irmão franciscano. O Deão Faria morreu em 1655 em Évora sem que conste ter dado uma desculpa por não ter cumprido a promessa feita a Frei Vicente.

(27). — Vicente do Salvador, *Adições e emendas que se hão de pôr na minha História do Brasil*, nos lugares que apontados aqui. O MS se acha no arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa, Livros do Brasil, códice 24. Cf. Hypólito, pág. 203. — Pedro Calmon, *História da Fundação da Bahia*, Salvador, 1949, pág. 71, nota 14, considera erroneamente as adições como sendo o segundo volume da História de Frei Vicente, o que este exclui com a determinação: “nos lugares que vão apontados aqui”. Outrossim Pedro Calmon condena precipitadamente a atitude do mestre Capistrano de Abreu por ter reposto na História do Brasil vários trechos que desta haviam passado para o Santuário Mariano (cf. nota 28) e como tais foram identificados.

(28). — Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano*. IX, Lisboa, 1722, págs. 191-194; 231s; X (1723), págs. 55-59.

(29). — Hypólito, pág. 215.

mentá-la magistralmente e editá-la. Passados mais ou menos 250 anos desde a morte do autor, saiu a obra prima a lume em edição completa, no ano de 1889. Infelizmente a cópia vinda de Portugal e várias vezes publicada no Brasil apresenta-se assaz defeituosa, impondo-se afinal uma edição mais crítica (30).

O valor da **História do Brasil** é tanto de ordem histórica como literária; pois, a sua importância historiográfica reside em que muitos fatos se encontram apenas na obra de Frei Vicente, principalmente da época de 1580 a 1627. Sobre querer escrever a verdade histórica o “Heródoto brasileiro” escapa aos erros e defeitos dos historiadores contemporâneos. Por estes motivos, os historiógrafos modernos não podem prescindir da obra básica de Frei Vicente, ao tratarem dos primórdios da História Brasileira.

A história da literatura brasileira elogia especialmente o estilo de Frei Vicente, visto êle superar muitos escritores portugueses quinhentistas, sendo vivo, claro e preciso, não raro poético e quase sempre pitoresco. O autor está presente na obra como também sabe comunicar presença e entusiasmo ao leitor. Não admira pois que Frei Vicente haja recebido o título de “Pai da História do Brasil” e figure como um dos clássicos da História, segundo opinião de Capistrano de Abreu, enquanto Sílvio Romero (31) e José Veríssimo (32) o consideram “clássico de nossa literatura”. Se intitulamos a Frei Vicente do Salvador como “Pai da História do Brasil”, nisso não vai deferência apenas àquêle que foi cronologicamente o nosso primeiro historiador brasileiro, mas justiça ao valor intrínseco de sua obra.

\*

### III. — ESTADO ATUAL DAS PESQUISAS.

Com exceção do **Orbe Seráfico Brasílico** de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (33), Capistrano de Abreu quase não

- (30). — José Honório Rodrigues, *Teoria da História do Brasil*, 2. São Paulo, 1957, pág. 611ss salienta o merecimento de Capistrano de Abreu nos seguintes termos: “O exemplo mais alto da crítica no Brasil, dificilmente superável, é a feita por Capistrano de Abreu da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador”.
- (31). — Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, I. Rio de Janeiro, 1942, pág. 33.
- (32). — José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1929, pág. 61.
- (33). — Frei Jaboatão faleceu em Salvador, aos 7 de julho de 1779, cf. Rutten, op. cit.

cita as fontes franciscanas, nos dados biográficos de Frei Vicente do Salvador e nos seus magistrais prolegômenos aos cinco livros da **História do Brasil**, ao passo que hoje podemos consultar a **Relatio** de Frei Manuel da Ilha, o **Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Bahia**, o arquivo provincial franciscano do Recife, uma carta de Frei Antônio da Estrêla, datada de 1603 e encontrada, há pouco tempo, em Simancas (Espanha), etc. Tais fontes confirmam geralmente as hipóteses de Capistrano de Abreu, por exemplo, a conclusão de que o capítulo 39 do 4.º livro da **História do Brasil** deve ter constado primitivamente da **Crônica da Custódia do Brasil**, com uma ressalva ignorada pelo Mestre Capistrano de que os dados estatísticos devem ser posteriores à **Crônica**, visto que os franciscanos se desfizeram das missões provavelmente apenas em 1619, enquanto Frei Vicente terminara a **Crônica**, o mais tardar em 1618.

Autores modernos têm continuado as pesquisas sobre Frei Vicente que a morte de Capistrano bruscamente interrompeu. Salientamos os estudos críticos empreendidos por Frei Odulfo van der Vat OFM (34), e Dom Frei Adriano Hypólito OFM (35), como também as obras modernas sobre história franciscana do Brasil da autoria de Frei Dagoberto Romag OFM (36), Frei Basílio Roewer OFM (37), Frei Damião Klein OFM (38), e Frei Bonifácio Mueller OFM (39), obras estas que familiarizam o leitor do século XX com a origem e o desenvolvimento das províncias franciscanas do Brasil e o apóstolado exercido pelos frades menores por volta de 1600, sendo que Frei Odulfo procede a uma crítica apreciação dos primórdios franciscanos em terras de Santa Cruz, distinguindo rigorosamente os fatos historicamente provados, de qualquer lenda tradicional, mas inverossímil, e das mentiras históricas que não são poucas; o mesmo autor estuda dados confusos re-

---

(34). — Frei Odulfo van der Vat OFM, **Princípios da Igreja no Brasil**. Petrópolis, 1952.

(35). — Cf. nota 23.

(36). — Frei Dagoberto Romag OFM, **História dos Franciscanos no Brasil, 1500-1659**, Curitiba, 1940.

(37). — Frei Basílio Roewer OFM, **A Ordem Franciscana no Brasil**. Petrópolis, 1947 e nota bibliográfica do número 6 supra.

(38). — Frei Damião Klein OFM, **Die Franziskaner in Nordbrasilien**. Düsseldorf, 1920.

(39). — Frei Bonifácio Mueller OFM, **Origem e Desenvolvimento da Província de Santo Antônio**, in "A Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil", Recife, 1957, págs. 40-200; Frei Venâncio Willeke OFM, **As Missões da Custódia de Santo Antônio, 1585-1619** na mesma obra, págs. 245-302.

feridos por historiadores antigos e corrige lapsos ocorridos nos manuscritos seculares e transcritos por muitos, inclusive por Frei Vicente (40).

Com todos êsses estudos realizados, falta-nos porém uma edição comentada do manuscrito de Frei Manuel da Ilha que permita o confrônto dêste com a **História do Brasil** e as conclusões há muito desejadas quanto aos fragmentos da **Crônica da Custódia** contidos na **História do Brasil** e que, até o presente, constam ser em número de nove. Urge também conferir minuciosamente a **História do Brasil** com os autores consultados por Frei Vicente para esclarecer a que ponto chegou a sua dependência daqueles (41). Afinal, o exemplar da **História do Brasil** adotado nas quatro edições, mas infelizmente eivado de erros, tem que ser submetido a uma correção esmerada em confrônto com outra cópia mais fiel ainda existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa: um rico programa preparatório para o IV Centenário do **Pai da História do Brasil**.

Frei VENANCIO WILLEKE, OFM

---

(40). — Cf. Salvador, pág. 104: O aludido irmão franciscano Frei Diogo, morto em São Paulo, no ano de 1583, na realidade era sacerdote, cujo nome completo rezava Frei Diogo de Guiso. Cf. Vat, pág. 150ss e Ilha, fl. 288v.

(41). — O Sumário das Armadas do Pe. Simão Travassos SJ, foi quase na íntegra transcrito por Frei Vicente em sua **História do Brasil**.